

# AMOR EROS, AMOR PLATÔNICO & EROTOMANIA: RESENHA DO FILME BEM ME QUER, MAL ME QUER

Trabalho apresentado à Faculdade Maurício de Nassau de Fortaleza como parte da avaliação da cadeira de Psiquiatria básica sob orientação da Professora Raquel Rubim da Rocha Guimarães

2018

**Eduardo Mendes Medeiros**

Bacharel em Psicologia Clínica (2017) pela Faculdade Maurício de Nassau de Fortaleza, Brasil

E-mail de contato:

[eduardopsicologia88@gmail.com](mailto:eduardopsicologia88@gmail.com)

---

## RESUMO

Na presente resenha o autor se propôs a comparar o fenômeno psicoemocional nominado de amor platônico com a psicopatologia Erotomania dramatizada em um caso no filme “Bem me quer, Mal me quer”. Esclareceu-se a diferença entre o amor platônico e a erotomania, pois o amor platônico é um sofrimento psíquico onde ocorre uma perda da realidade mas onde, porém, a realidade prevalece visto que a pessoa tem consciência de que está fantasiando (sonhando acordado) e tal fantasia não faz parte da realidade do mundo externo onde a mesma vive. Já a erotomania é um tipo de transtorno psicótico onde a pessoa rompe com a realidade passando a manifestar sintomas de delírio/alucinação, pois a sua realidade interna prevaleceu sobre a realidade externa. Tais diferenças e pontos de partida têm repercussões no tom psíquico geral e na expansão do delírio. Compreendeu-se que, na vida real, a manifestação destes fenômenos não se restringe ao gênero feminino.

**Palavras-chave:** amor platônico, erotomania, psicopatologia.

Copyright © 2018.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



“Só se fantasia o que não se pode ter na realidade”.  
Wilhelm Reich

## INTRODUÇÃO

A psicologia é a ciência dotada da capacidade de fazer expedições investigativas às profundezas da alma humana, e, revelar o que está por trás dos mistérios que causam sofrimentos psíquicos e questionamentos filosóficos a grande parte das pessoas (Reik, 1968). Um destes mistérios foi nominado pela humanidade como amor, todavia, a psicologia é a única ciência capaz de desmistificar o amor Eros (Reik, 1968).

Por mais que o ser humano busque definir o amor de uma forma racional, ele sempre se depara com uma dificuldade em fazer uma definição deste fenômeno, por isso, não são raras as vezes que o ser humano recorre a definições poéticas, românticas, porém, os próprios poetas convocam a ciência psicológica a esclarecer o problema do amor (Reik, 1968). Percebemos esta dificuldade em definir o amor até mesmo no dicionário que não conseguiu objetivar, definir ou sintetizar o amor, visto que encontramos 30 definições no dicionário Aurélio de língua portuguesa para a palavra amor dentre as quais destacamos: sentimento que induz a aproximar, a proteger ou a conservar a pessoa pela qual se sente afeição ou atração; grande afeição ou afinidade forte por outra pessoa. Sentimento intenso de atração entre duas pessoas. Ligação afetiva com outrem, incluindo geralmente também uma ligação de cariz sexual. Disposição dos afetos para querer ou fazer o bem a algo ou alguém. Coisa que é objeto desse entusiasmo ou interesse. Ao analisarmos as diferentes definições que o dicionário expõe sobre a mesma palavra, é possível confirmar a existência de uma dificuldade em definir de forma racional este fenômeno psíquico.

A complexidade que as pessoas encontram para definir este sentimento abstrato, o amor, sempre existiu, pois o amor não é algo que a razão domina (Kant, 2001), o amor se trata de uma emoção que, por sua vez é um fenômeno subjetivo complexo que surge em resposta a determinadas experiências de caráter afetivo (Atkinson et al., 2002).

A mitologia greco-romana compreendia o amor como uma vivência que proporciona um encontro verdadeiro com o eu supremo e divino (Braz, 2005), em algumas religiões conceitos análogos a este ainda são transmitidos como uma crença que traça uma relação direta entre o amor e o autossacrifício. Para grande parte das pessoas o amor é entendido como uma afeição por um ser cujo contato sexual é desejado, sonhado ou experimentado (Ryner, 1934/2012).

Entretanto, Reik (1968) combate tais percepções esclarecendo que o amor é um valor diferenciado que se atribui a uma pessoa, a gênese do amor só torna-se possível quando uma determinada pessoa é mais apreciada do que as outras pessoas, e, do que a si próprio. O amor é gerado por um desespero inconsciente diante da impossibilidade de encontrar a perfeição idealizada em si mesmo, esta perfeição idealizada modifica-se se transformando em uma pessoa imaginária, desta forma, o indivíduo capta para si uma imagem ilusória do inconsciente e cria em sua fantasia um quadro pintado com suas próprias tintas de idealização de uma perfeição ilusória, este referido desespero leva o indivíduo a buscar esta perfeição ideal no outro (Reik, 1968).

Psicologicamente o indivíduo prepara tudo isso dentro de sua psique antes mesmo de algo existir no mundo externo a ele, o indivíduo só se apaixona quando elege como objeto para este fim uma pessoa real para fixar e projetar sob este outro o seu quadro de amor ilusório tornando este outro uma pessoa especial, distinta, possuidora de uma excelência individual, de qualidades raras e um conjunto de magníficas virtudes (Reik, 1968).

O amor é um estado alterado da consciência, onde a pessoa projeta<sup>1</sup> sob outra pessoa uma ilusão que cria em sua própria psique valores ilusórios os quais se transformam em uma realidade psíquica que altera o funcionamento dos neurônios cerebrais inundando o sistema de recompensa cerebral de dopamina semelhante à ação de uma droga, altera o comportamento, a percepção, o juízo do indivíduo, causa euforia e desejo desenfreado na presença do objeto de amor ou estímulos associados (semelhante à intoxicação por drogas), humor negativo, anedonia e distúrbios do sono quando separado do objeto de amor (retirada da droga), leva o indivíduo a permanecer em um estado de atenção concentrada tendo pensamentos intrusivos sobre o objeto de amor, e padrões de comportamento mal adaptativos ou problemáticos na relação amorosa. Altera outras partes do cérebro como: a insula, córtex cingulado anterior, córtex orbito frontal. Altera a ocitocina que está implicada no apego social e no comportamento de acasalamento, também envolvida na dependência de substâncias psicoativas (Atkinson et al., 2002; Borges, 2015; Esperidião et al., 2008; Reik, 1968; Reynaud et al., 2010).

Além de tudo isso, elicia um conjunto de sensações: fisiológicas: frio na barriga, aperto no peito, dor de barriga, palpitação, etc.; emocionais: de expansão (alegria, esperança, criatividade, liberdade, comunhão) ou retração (raiva, medo, tristeza, vergonha); cognitivas: de valores pessoais, visões de mundo e crenças (Mattos, 2014a). Ou seja, o amor retira o indivíduo de sua homeostase psíquica levando-o a viver mergulhado em um estado psicopatológico que dependendo da intensidade das alterações e da forma como o indivíduo vai reagir às mesmas, se assemelha a uma condição de toxicod dependência ou até mesmo uma psicose.

---

<sup>1</sup> Projeção é o processo defensivo no qual o indivíduo atribui a outra pessoa, animal ou objeto aspectos psíquicos como sentimentos, qualidades, defeitos e desejos que a pessoa recusa a admitir como seus, por isso, atribui (projeta) no outro.

Apesar de o amor não estar incluído no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5, paixão e psicopatologia tem a mesma raiz etimológica, a palavra Pathos que significa: sofrimento, ato de suportar, de sofrer; sofrimento do corpo; doença; afecção da alma, paixão; acidente; perturbação na natureza (Barlow & Durand, 2010; Machado, 2003; Nogueira, 2015; Nunes Filho, Bueno, & Nardi, 2000).

## **AMOR PLATÔNICO**

Dall’Orto (1989) analisa o amor socrático ou amor platônico redescoberto por Marsilio Ficino (1433–2499) e demonstra que esse conceito era uma estratégia coerente para justificar o que agora é chamado de “impulso homossexual”. Originalmente, o termo amor platônico se referia ao amor homossexual muito comum na sociedade grega antiga a qual Platão pertenceu, porém, o uso moderno deste termo mudou seu sentido original, pois o mesmo atualmente se refere a uma relação afetiva na maioria das vezes heterossexual em que nesta se abstrai o contato sexual visto que se refere a uma relação de amor que se manifesta através de uma contemplação a um amor impossível de ser correspondido (Dall’Orto, 1989).

Platão (427 a.C. – 347 a.C./2003) postulou em seu tratado filosófico que o amor autêntico é aquele que liberta o indivíduo do sofrimento e conduz sua alma ao banquete divino, todavia, diferente do que escreveu Platão, o amor platônico é um sofrimento psíquico (Mattos, 2014b; Reich, 1990), que pode se manifestar em diversos contextos como, por exemplo, em uma situação onde o indivíduo está a viver sem ter relações afetivas por diversos motivos, como, já ter passado por uma grande decepção amorosa que lhe deixou em uma posição de defesa onde ele prefere se distanciar dos problemas derivados de relações afetivas dos quais ele teve dificuldade em lhe dar, neste contexto o amor platônico pode ser uma fuga (Navarro, 1995), uma forma de contato substituto (Reich, 1995; Baker, 1980) onde o prazer do indivíduo é parcialmente realizado em sua fantasia (Reik, 1968).

Conforme Reik (1968) a fantasia sexual é uma projeção que a pessoa faz de si mesmo em outra pessoa, seja esta pertencente ao sexo oposto ou ao mesmo sexo. A fantasia sexual tem a capacidade de tornar esse outro um ser capaz de satisfazer-lhe plenamente. No amor platônico a pessoa se relaciona com as imagens criadas por sua fantasia sexual que desperta na pessoa uma mistura de impulsos sexuais agressivos e ternos que estimulam os desejos sexuais de uma pessoa, a fantasia sexual tem a capacidade de tornar o sonho platônico de amor e prazer mais satisfatório do que a presença da pessoa idealizada neste processo de fantasia (Reik, 1968), este indivíduo geralmente é dotado da capacidade de direcionar o seu ego, por isso, sonha em estado de vigília (Reich, 1995).

O indivíduo que desenvolveu amor platônico pode estar com baixa autoestima sente-se incapaz de ser atraente para outras pessoas, pode estar vivendo em um período em que sente-se sozinho em meio a muitas pressões e cobranças em seu ambiente de trabalho, estudo, familiar, etc., por isso, o indivíduo fica muito tenso e assim o inconsciente defensivamente aflora seus sentimentos como paixão, necessidade de afeto, sexo (Reich, 1990), e etc. O indivíduo pode ser uma pessoa com personalidade obsessiva assim se sente mais a vontade em vivenciar a fantasia do amor platônico visto que neste ele tem o controle de todos os acontecimentos da relação, já que, neste relacionamento tudo acontece conforme o bel-prazer ilusório desta pessoa (Mattos, 2014b).

Todavia, diferente da erotomania, o amor platônico é um sofrimento psíquico onde a pessoa pode com mais facilidade encontrar uma saída deste por meio de uma sublimação<sup>2</sup> do seu desejo interno transformando desta forma a sua fantasia em atividade criativa como, por exemplo, escrever um romance erótico (Volpi, 2008), como também pode se libertar completamente desta fixação psíquica por meio de um processo psicoterapêutico (Mattos, 2014b; Reich, 1995).

## **EROTOMANIA E O ESPECTRO ESQUIZOFRÊNICO**

Síndrome de De Clérambault mais conhecida como Erotomania foi primeiramente descrita pelo psiquiatra francês Gaëtan Gatian de Clérambault, esta psicopatologia se desenvolve, segundo este autor, em três fases clássicas: 1º a esperança, 2º o despeito e, 3º o rancor (De Clérambault, 1999). Para De Clérambault (1999),

O delírio erotomaniaco não é um delírio de interpretação, mas uma síndrome passional patológica. É oportuno agrupar essa síndrome junto com os delírios de reivindicação e delírios de ciúmes na categoria “delírios passionais patológicos” [...] o sentimento que gera o postulado é um misto de orgulho, desejo e esperança. As evoluções e as reações dependem, em sua maior parte, do caráter individual, do grau de moralidade e da educação. (De Clérambault, 1999, p. 146-147).

De acordo com Moreira (1949) a erotomania é caracterizada como um estado de amor crônico ilusório, onde a pessoa se imagina amado ou tem a ilusão delirante, que para o indivíduo erotomaniaco é uma convicção (Calil & Terra, 2005), de ser extremamente amado em segredo pela

---

<sup>2</sup> Sublimação é um processo pelo qual a energia dos instintos sexuais é deslocada para atividades ou realizações de valor social ou cultural, como atividades artísticas ou intelectuais. A sublimação é o meio mais refinado de se expressar a verdade do desejo.

pessoa eleita como objeto de amor (Moreira, 1949). Conforme Guerra (2010) a erotomania assinalar-se como uma forma de amor projetiva, exacerbada e delirante.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5 define a erotomania como um transtorno psicótico do espectro da Esquizofrenia, a psiquiatria e a psicologia utilizam o termo psicose para descrever as psicopatologias que podem tornar suas vítimas “*non compos mentis*” que significa: não senhor de sua mente (APA, 2014; Barlow, & Durand, 2010; Kaplan, Sadock, & Grebb, 2007; Nunes Filho, Bueno, & Nardi, 2000). O DSM-5 explica ainda que, no transtorno erotomaniaco, o tema central do delírio é o de que outra pessoa está apaixonada pelo indivíduo. A pessoa à qual há tal convicção costuma ter condição superior como, por exemplo, alguém famoso (podendo este ser uma celebridade, ou alguém que tem algum destaque social) ou que ocupa um cargo superior no trabalho, embora possa ser um completo estranho, as tentativas de contato com o objeto do delírio são comuns de serem manifestadas pelo indivíduo acometido por este transtorno (APA, 2014).

Wilhelm Reich ressalta que a esquizofrenia é determinada durante os primeiros dez dias de vida, mas a maioria dos casos somente se fixaria na puberdade na medida em que as perturbações psicoafetivas se tornem mais ou menos severas. Deste modo, até a fase da puberdade, os sintomas mais evidentes não se apresentam claramente, entretanto, isto não significa que os sintomas não apareçam na fase infantil (Barbosa & Nascimento, 2015; Baker, 1980; Lowen, 1979; Hortelano, 1997; Navarro, 1995; Reich, 1995).

Reich nos ensina que a percepção de si mesmo depende do contato que o indivíduo estabelece entre a excitação e o sentimento ou sensação subjetiva da excitação, este contato é a fonte da consciência que é uma função da autopercepção. O esquizofrênico vive um mundo destituído de perspectiva, um mundo onde literalmente fala-se outra linguagem e enxergam-se outras formas. A contração que retém a energia abaixo dos olhos rebaixa os estímulos do centro vegetativo desta área, das funções hipotalâmicas, das funções pituitárias e, em especial, do centro respiratório (Barbosa & Nascimento, 2015; Lowen, 1979; Hortelano, 1997; Navarro, 1995; Rego, 1993; Reich, 1995).

## **BEM ME QUER, MAL ME QUER**

O filme Bem me quer, mal me quer de 2002 traz a dramatização de um caso clássico de erotomania vivenciado pela personagem Angélique. Na primeira parte do filme, o expectador tem a oportunidade de mergulhar um pouco na realidade psíquica de Angélique. Pois, conta a história de Angélique de acordo com a percepção da personagem, ela é uma pintora e estudante de Belas

Artes que em sua psique tem a convicção de que vive um “romance secreto” com Loïc Le Garrec, um belo homem casado, médico cardiologista da pequena cidade cenário do filme.

Moreira (1949) explica que a pessoa em quem o erotômano se fixa, tem especiais dotes morais, físicos ou intelectuais, que servem de alicerce para à construção do delírio amoroso crônico. Neste aspecto encontramos um ponto em comum entre o amor platônico e a erotomania, Mattos (2014b) endossa nosso entendimento ao acrescentar que uma pessoa nunca se apaixona platonicamente por um mendigo, os amores platônicos têm sempre como alvo predileto pessoas famosas, poderosas, àquela pessoa extremamente desejada por todos, que parece ser a mais bonita, inteligente, interessante e financeiramente estável.

Na percepção de Angélique, logo no início do filme, ela envia uma rosa para o seu grande amor, Loïc, em seguida Angélique vai para aula da escola de Belas Artes a qual ela faz parte, na aula todos os alunos exceto ela estão a reproduzir em suas telas a imagem do modelo masculino que está pousando para os alunos ali presentes, a professora de Belas Artes passa observando a tela de cada aluno, ela para e repreende Angélique, pois percebe que ela está a representar na tela uma imagem que não representa o homem, modelo da aula.

A pessoa que fica psiquicamente fixada em uma pessoa de um relacionamento que não existe de fato está presa não neste outro, pois ela se autoaprisionou em uma prisão psíquica que ela mesma criou para si, de tal modo que ela permanece se contentando em se relacionar não com a pessoa real, mas com as imagens que ela própria nutre em sua imaginação que a faz continuar autoaprisionada em sua ilusão (Mattos, 2014b).

Ainda, na mesma cena, a professora manda Angélique refazer todo o desenho, aqui pode-se perceber que a personagem manifesta uma atitude de agressividade passiva expressa por meio dos riscos que ela faz contornando a face do desenho de seu amado, porém, Angélique não risca o desenho em si, não rasga, nem desfigura a imagem, ela desenha um bigode e um cavanhaque na imagem que representa Loïc.

O ato de Angélique desenhar pelos na face da imagem simboliza a projeção de seus impulsos sexuais primitivos, sua sexualidade primitiva e uma desordem sexual a qual ela está a viver naquele momento, os círculos em volta da face do desenho simbolizam que ela está sofrendo uma contenção/repressão dos seus impulsos sexuais primitivos, por isso, ela os projeta sob a imagem de Loïc (Reich, 1990).

Nesta parte também podemos inferir que a professora pode ter representado para a personagem, o pai repressor que ela teve em sua infância, esta proibição pode ter representado para ela um retorno às relações conturbadas que ela pode ter vivido, como uma separação brusca da figura paterna, ou uma proibição por parte do pai.

Na sena que se segue, outro acontecimento reforça a hipótese supracitada, pois, a mesma professora que outrora a repreendeu, lhe trouxe uma boa notícia, de que ela havia sido aceita em uma escola de Belas Artes, a professora resalta ainda que o pai de Angélique ficaria muito feliz com isto!

Logo após, ela volta para a lanchonete onde trabalha como garçõete, onde ela é interrogada por uma menina se à noite elas poderão estar juntas, mas a personagem lhe responde que não por que ela vai sair com Loïc. Em seguida Angélique muda-se para uma casa onde ela trabalhava como babá, pois sua patroa e o filho desta de quem ela era babá vão viajar por um período de tempo, ao desfazer sua mala e retirar uma antiga fotografia de um homem que inferimos ser o pai da personagem, podemos perceber a semelhança deste homem com Loïc, o seu grande amor. Posteriormente ela vai para uma festa onde ela sabe que lá ela vai estar Loïc, aqui o filme já demonstra as varias tentativas que ela faz para entrar em contato com seu objeto de amor (Moreira, 1949).

Nesta festa ela encontra com um amigo, Davi, estudante de medicina. Ela conversa com Davi e até dança com ele no baile desta festa, conta para ele sobre o romance que ela e Loïc vivem em segredo, pois na realidade psíquica de Angélique, o cardiologista Loïc a ama intensamente, lhe promete que vai se divorciar da esposa e viajar com ela para Florença. Porém, parece que Loïc não está muito interessado em Angélique. E faz aquilo que, geralmente, a maioria dos homens casados fazem: enrolam a amante com promessas que este não pretende nunca cumprir. Davi está acreditando em tudo o que sua amiga lhe conta, pois Davi demonstra ter um sentimento que nunca foi correspondido por Angélique, o discurso dela denota uma convicção que faz Davi percebê-la como uma garota que está sendo iludida por Loïc, um homem mais experiente que na percepção de Davi é um sujeito que está agindo de má fé para com Angélique, pois ele só quer usar sua amiga como um objeto sexual e depois a descartar como muitos homens casados fazem.

Porém, Angélique, realmente acredita no amor de Loïc e toma cada mínima atitude de educação e gentileza dele como uma grande prova de amor, justificando para Davi os motivos que a levam a alimentar essa fantasia. Assim, toda sua vida é organizada em função dessa paixão. Durante a festa, Davi vê sua amiga saindo do banheiro de uso compartilhado falando com Loïc, isto o faz acreditar ainda mais no que ela havia lhe falado, ele oferece para Angélique uma taça com uma bebida na vã tentativa de fazê-la relaxar e dar-lhe atenção, mas, ela não aceita, pois a garota só tem olhos para Loïc. No delírio de Angélique ela sai da festa para se deleitar em uma festa particular com seu grande amor, Loïc, deixando Davi sozinho.

No dia seguinte Angélique segue expressando sua realidade psíquica delirante através de seus desenhos e pinturas todos repletos da imagem de Loïc, ela também o observa de longe usando-o como modelo para seus desenhos. Envia para ele uma pintura como presente de aniversário, isso demonstra que ela fez um papel de detetive descobrindo muitas coisas sobre a vida e a rotina de



Loïc, à noite ela o aguarda por longas horas noite à dentro. Mas, sua forma de se relacionar carinhosamente com Loïc mudou drasticamente a partir do momento que ele não correspondeu as expectativas delirantes de Angélique, pois ele a deixa esperando na noite de comemoração de seu aniversário, no aeroporto no dia marcado por ela para a viagem romântica deles para Florença, ele não abandona a esposa, fazendo ela entender que ele estava fazendo joguinhos com ela, assim, ela começa a jogar pesado para convencê-lo a deixar definitivamente a esposa para ficar de vez com ela.

De acordo com Calil & Terra (2005) quando o indivíduo erotomaniaco chega ao estágio de rancor, depois de repetidas rejeições que sofreu, exerce retaliações contra seu objeto de amor ou contra outras pessoas que o erotomaniaco perceba como ameaça a realização de sua vontade. Embora atos físicos ou sexuais sejam incomuns, estas pessoas podem trazer significativo impacto psicológico e social à vida de suas vítimas, em consequência de perseguições por períodos prolongados, que variam de chamadas telefônicas a declarações de amor em ambientes públicos e movimentados, pode desejar ter relações sexuais com o objeto de seu amor delirante, pode tentar seduzi-lo para esse fim, ou até mesmo passar a acreditar que está esperando um filho do seu objeto de amor (Calil & Terra, 2005).

Entretanto, a ruptura da realidade psíquica da personagem Angélique fica ainda mais evidente na incapacidade que ela tem de lidar com as frustrações ao seu desejo, por isso, ela passa a agir para que seu desejo seja realizado a qualquer custo, sobre isto, De Clérambault (1999) escreveu:

O passional (erotômano, reivindicador ou ciumento) tem, desde o início do delírio, uma finalidade precisa; seu delírio implica imediatamente sua vontade. Trata-se, portanto, de um traço diferencial, uma vez que o delirante interpretador vive num estado de expectativa e o delirante passional num estado de esforço. O delirante interpretador vagueia pelo mistério, inquieto, pasmo e passivo, cogitando a respeito de tudo que observa, buscando explicações que descobre paulatinamente. O delirante passional, por sua vez, avança rumo a um objetivo, com uma exigência consciente completa desde o início e delira apenas na esfera de seu desejo: tanto suas elucubrações como sua vontade estão polarizadas de maneira proporcional a esta última (De Clérambault, 1999, p. 151).

Deste modo, o amor patológico de Angélique passa a manifestar sua agressividade, como, por exemplo, a mensagem que ela pintou no para-brisa do carro dele, o coração humano que Angélique consegue persuadindo seu amigo Davi estudante de medicina, ela envia como presente para Loïc este coração humano atravessado por uma flecha de metal, enche a secretária eletrônica

do telefone da casa dele de mensagens com uma música romântica, envia-lhe vários bilhetes apaixonados, envia-lhe a chave da casa onde ela mora, atropela com uma moto a esposa de Loïc fazendo-a perder o bebê do casal, porém, como ainda assim ele não a corresponde ela entra em desespero visto que ela vive um constante conflito interno entre os seus impulsos sexuais reprimidos, seu desejo de dominação e de ternura (Reik, 1968; Reich, 1990). Para Angélique, a inexistência da relação sexual é substituída pela arte que ela não se cansa de produzir, pois a inexistência do contato sexual fomenta o seu ato de criação artística (Reich, 1990). Calil & Terra (2005) apontam a existência de uma pertinente hipótese de que a privação sexual é um fator psicodinâmico importante no desenvolvimento dessa condição psicopatológica, mas, fatores orgânicos relacionados com sua etiologia continuam a ser investigados. Neste ponto, nos cabe salientar que os autores supracitados deixam bastante claro que a manifestação de tal fenômeno na vida real não se restringe ao gênero feminino (Calil & Terra, 2005; De Clérambault, 1999; Guerra, 2010; Moreira, 1949).

Em uma cena do filme Angélique revela para filha de sua amiga que durante a infância ela desejava ter um gato, mas, seu pai a proibiu de possuir um gato como animal de estimação, por isto, Angélique produziu para si um gato utilizando barbantes, lã, botões, unhas feitas com grãos de arroz e atribuiu para ele o nome de senhor gato. Assim, pois, percebemos nesta cena que assim como ela em sua infância fixou e projetou no neste gato artificial seus desejos de possuir uma companhia, e um amor de estimação, Angélique em sua vida adulta produziu para si mesma um homem imaginário de estimação a qual ao encontrar com Loïc ela projetou e fixou esta sua ilusão interna nele, tal ilusão se tornou sua realidade psíquica a qual ela busca realizar a qualquer preço (Barbosa & Nascimento, 2015; Lowen, 1979; Reik, 1968; Reich, 1995).

Seu amigo Davi questiona-lhe a parar de acreditar no que este homem promete para ela, Angélique contra-argumenta afirmando com grande convicção, se ela deixar de acreditar em Loïc não lhe restará nada, Davi na esperança de fazê-la mudar de ideia responde que para ela restará ele, mas Angélique mais uma vez ignora o afeto de Davi, pois Loïc é o objeto alvo do seu delírio (Calil & Terra, 2005; De Clérambault, 1999; Guerra, 2010; Moreira, 1949; Reich, 1995). Com isso, Davi toma para si as dores de sua amiga, vai tomar satisfações com Loïc da destruição que ele “promoveu” na vida de Angélique, mas Loïc ainda não consegue entender o que está acontecendo.

Após isso, uma atmosfera de caos se instala na vida de Loïc, pois Angélique age de todas as formas na tentativa de destruir tudo que tenta se colocar entre ela e a realização seu grande amor delirante, fazendo com que a vida pessoal e profissional de Loïc se torne uma grande desordem que ele não consegue controlar, como, apesar de tudo isso ela ainda o vê a fazer declarações de amor para a esposa, Angélique tenta o suicídio.

A partir desta cena, o filme faz uma regressão para a cena inicial saindo da realidade interna de Angélique, passando a mostrar a realidade externa revelando o que aconteceu fora do delírio da

personagem e as consequências deste. Nesta segunda metade do filme, é mostrado o ponto de vista de Loïc. E, é aqui que o filme muda completamente de perspectiva se tornando surpreendente, pois a partir deste ponto o filme mostra com detalhes a evolução da psicopatologia dramatizada, a erotomania, que consiste na convicção delirante de um sujeito no caso, Angélique de que outra pessoa, Loïc, está secretamente apaixonado por ela, um romance patológico criado e vivenciado no mundo interno de Angélique (Calil & Terra, 2005; De Clérambault, 1999; Moreira, 1949).

Algumas expectadores do filme ainda podem confundir a erotomania com o amor platônico, entretanto, Platão (427 a.C. – 347 a.C./2003) já distinguiu o amor platônico do amor possessivo, que persegue o outro como um objeto a ser devorado, neste ponto foi possível notar claramente no filme que diferente de um amor platônico que se deleita na contemplação do ser amado Angélique acometida pela erotomania perseguiu causando diversos prejuízos a Loïc em busca da realização de sua vontade.

Quando há essa mudança de perspectiva do filme percebemos o quanto Angélique acredita na realidade (delírio) que ela própria criou e que nada tem a ver com a realidade de Loïc. Um dia, Loïc presenteou com um belo buquê de rosas a sua esposa com o intuito de comemorar a gravidez, pois ele estava extasiado com a notícia, ele gentilmente ofereceu uma rosa a Angélique com a intenção de compartilhar com ela a sua felicidade. E, a partir disso, a personagem Angélique criou toda uma fantasia de que Loïc estava perdidamente apaixonado por ela, a partir daí pode-se perceber que Angélique rompe completamente com a realidade do mundo externo e a sua realidade interna passa a lhe controlar, ela passa a expressar um ciúme exacerbado passando a perseguir seu amado Loïc, o olhar de Angélique muda. Os seus olhos tornam-se desligados, vazios, fora de contato, ela passa a manifestar um olhar de afastamento, ausente, distante, porém, mergulhado nas profundezas do seu delírio que transborda fazendo os seus olhos se desligarem (Reich, 1995). Igualmente, a forma como Angélique se expressa corporalmente modifica-se, pois a pessoa esquizoide está fora de contato com o seu próprio corpo (Lowen, 1979).

Após Angélique tentar o suicídio ela é socorrida pelo corpo de bombeiros, e, Loïc ao perceber a movimentação na casa de sua vizinha, prontamente ajuda aos bombeiros a socorrer Angélique, posteriormente, já no hospital a personagem recebe a visita de seu amigo Davi, ela mais uma vez conta para ele como Loïc foi ao encontro dela, lhe segurou com seus braços fortes, fez respiração boca a boca e lhe salvou, e a partir de agora ele deixaria sua esposa para enfim, ficar com ela. Davi mais uma vez acreditou no delírio de sua amiga, ao sair do quarto onde ela estava encontrou no corredor do hospital o homem que lhe roubava a sua amada e estava fazendo-a sofrer, então, tomado por revolta e ciúmes Davi agride fisicamente Loïc, mas, desta vez esta atitude de Davi serviu para fazer Loïc refletir e fazer ligação entre os acontecimentos chegando à conclusão de que sua admiradora secreta é a sua vizinha Angélique.

Esta hipótese foi corroborada quando Loïc toma a atitude de testar a chave que ele havia recebido em uma carta de amor perfumada, ele usa esta chave para entrar na casa onde Angélique morava, ao adentrar a casa ele se deparou com um cenário de desordem, com os diversos desenhos e pinturas de sua imagem espalhadas pela casa, Loïc também encontra na parede do quarto de Angélique uma reprodução artística de sua imagem, encontrou a rosa que ele havia dado de presente a ela no momento que ele estava feliz com a notícia da gravidez de sua esposa, ele não esperava que aquela simples gentileza suscitasse em Angélique toda esta psicopatologia que causou até a morte do seu bebê motivo da felicidade que o levou a presentear-la.

O erotômano não se limita a viver o seu desejo de forma imaginária, o erotomaníaco tenta realizar o seu desejo perseguindo de todas as formas o seu eleito, escrevendo lhe bilhetes e cartas, telefonando, procurando estar junto à vítima através de redes sociais, no trabalho, em casa, nas casas de amigos, perturba o sossego e impede as atividades diárias da vítima. À proporção que o seu objetivo se torna mais difícil, o erotômano se revela cada vez mais insistente, empregando os meios mais variados de tentativas de contato possíveis e imaginados em seu delírio, podendo chegar a agredir fisicamente o seu eleito (Moreira, 1949). Diferente do indivíduo acometido pelo amor platônico que é caracterizado por uma contemplação a um amor impossível de ser correspondido, por isso, o indivíduo vivencia platonicamente este romance em sua fantasia (Dall'Orto, 1989; Mattos, 2014b).

A descoberta que Loïc realiza leva-lhe a fazer uma queixa-crime contra a garota, logo ele retorna ao hospital onde ela estava se recuperando da tentativa de suicídio, mas Davi na condição de estudante de medicina já havia assinado a alta de sua amiga e a levou com ele, isto o faz tomar a atitude de fugir mudando-se de cidade, porém, no momento em que ele está a sair de seu consultório, ela lhe aparece cobrando-lhe que ele corresponda as suas expectativas delirantes, porém, Loïc a confronta com a frustração, Angélique o agride, ele desmaia e rola escada a baixo ensanguentado. Ela permanece a observar catatonicamente o corpo do seu objeto de amor caído no chão, à polícia é acionada e captura a personagem ainda na cena da evidente tentativa de crime passional.

Moreira (1940) acrescenta que o perigo decorrente do delírio da pessoa acometida pela erotomania pode ser de tal intensidade que se torna necessário uma intervenção policial ou judicial, proporcionando a vítima os meios legais de proteção, desde a internação do erotômano em hospital, à proteção policial individual, pois existe uma eminente possibilidade do indivíduo erotomaníaco cometer um crime passional (Moreira, 1949).

Angélique é detida e Loïc é levado por uma ambulância, pois a pancada na cabeça que ele recebeu dela juntamente com a queda que o levou a descer rolando pela escada, lhe causou um traumatismo craniano, o amigo da personagem, Davi, chega e a vê sendo levada. Loïc sobrevive, acorda do coma, e segue recuperando-se com o apoio de sua esposa. Angélique é submetida a uma

avaliação psiquiátrica onde foi diagnosticada com erotomania clássica que se deu por causa de seu encontro com o seu vizinho Loïc. Angélique é internada num hospital psiquiátrico onde é submetida a tratamento de terapia eletroconvulsiva.

O final do filme mostra que a personagem Angélique encontra uma suposta estabilização e reordenamento do seu discurso, quando ela distingue seu modo de amar em relação ao amor cortês, assim, ela faz parecer que por causa da medicação combinada ao tratamento de terapia eletroconvulsiva o sintoma de delírio erotomaniaco compulsivo foi sustado e ela está “curada”, pois aparentemente ela está sendo guiada pela razão. Todavia, De Clérambault (1999) adverte que uma vez desaparecido seu delírio, só restará ao sujeito erotômico produzir outro quando se encontrar maduro para um novo acesso passional. Com isso, percebe-se que ela não se recuperou por completo da síndrome erotomaniaca, nem se pode dizer que a medicação proporcionou a ela a organização do seu discurso e, assim sendo, de seu pensamento. Na verdade, ela não usou a medicação, como fica claro na última cena onde é descoberto o verdadeiro destino que ela deu a medicação, pois ela criou na forma de arte na parede uma nova imagem de, Loïc, seu grande amor, como um meio de expressar o seu delírio, e, por fora de sua psique às imagens deste outro obsessivamente amado que ela criou em seu psiquismo. Assim como ela convencia seu amigo Davi ela conseguiu persuadir o médico psiquiatra do filme de sua aparente cura, contudo, no filme ficou evidente a imprecisão do diagnóstico do psiquiatra que se limitou a avaliar o estado psíquico de Angélique apenas através da fala, este método de avaliação é insuficiente, pois a fala distorce, mente, deturpa e esconde, mas o corpo revela, é através do corpo que se acessa a alma humana, e, por meio do corpo que se encontra a etiologia das patologias psicossociais e orgânicas que se desenvolvem por meio da repressão do corpo (Neidhoefer, 1994; Reich, 1995). O olhar de Angélique demonstrava que sua percepção estava completamente voltada para um outro mundo, o mundo de realidade interna na qual ela e Loïc viviam um romance secreto o qual ela mudou a forma de expressar o seu delírio (Lowen, 1979; Reich, 1995), manipulando a sua própria fala aparentando uma racionalidade, e expressando o delírio por meio de sua obra de arte feita com os psicofármacos agrupados em forma de mosaico na parede do quarto do hospital.

Igualmente, as formas de tratamento a qual Angélique foi submetida foram insuficientes visto que as psicopatologias (doenças mentais) são multifatoriais, são produto da combinação de fatores etiológicos: genéticos, psicológicos, sociais, culturais, ambientais (criação, exposições), morfológicos (que alteram o funcionamento dos neurônios levando ao desenvolvimento de patologias), orgânicos estes fatores interagem entre si de forma dialética, assim não dá para saber especificamente e isoladamente a causa de uma doença mental, por isso, as mesmas não podem ser tratadas de forma isolada através de terapias que ignoram completamente a subjetividade do indivíduo (Barlow & Durand, 2010; Nogueira, 2015; Nunes Filho, Bueno, & Nardi, 2000). Por isso, o tratamento arcaico a qual Angélique foi submetida não lhe proporcionou ressignificar o seu

conflito interno causador de todo o seu delírio intenso. No hospital do filme não foi ofertado à personagem tratamentos como: psicoterapia, arte terapia que lhe abririam novas possibilidades de transcender do estado de sofrimento para um estado de sublimação de sua produção ilusória interna, como, por exemplo, expressar a sua realidade interna nas suas pinturas, esculturas e etc., escrever livros de romance erótico ilustrado (Mattos, 2014b; Neidhoefer, 1994; Reich, 1995; Volpi, 2008).

Em suma, baseando-nos nas teorias aqui expostas às quais utilizamos como aportes teóricos para analisar o caso do filme. Podemos inferir que a diferença entre o amor platônico e a Erotomania pode se dar da seguinte forma: o amor platônico é um sofrimento psíquico onde ocorre uma perda da realidade, porém, a realidade externa prevalece visto que a pessoa tem consciência de que o aquilo que ela está fantasiando (sonhando acordada) não faz parte da realidade do mundo externo onde a mesma vive (Mattos, 2014b; Reich, 1990). Já a Erotomania é um tipo de transtorno psicótico onde a pessoa rompe com a realidade passando a manifestar sintomas de delírio/alucinação, pois a sua realidade interna prevaleceu sob a realidade externa, o indivíduo passa a viver em um mundo destituído de perspectiva, um mundo onde literalmente fala-se outra linguagem e enxergam-se outras percepções (Barbosa & Nascimento, 2015; Baker, 1980; Lowen, 1979; Hortelano, 1997; Navarro, 1995; Reich, 1995). De Clérambault (1999) esclarece ainda que tais diferenças e pontos de partida têm repercussões no tom psíquico geral e na expansão do delírio. Enfim, compreendeu-se que, na vida real a manifestação destes fenômenos não se restringe ao gênero feminino.

## REFERÊNCIAS

Associação Americana de Psiquiatria. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. (Trad. Maria Inês Corrêa Nascimento et al.). (Rev. Aristides Volpato Cordioli et al.). (5ª ed.). Porto Alegre, Brasil: Artmed.

Atkinson, R. L., Atkinson, R. C., Smith, E. E., Bem, D. J., & Nolen-Hoeksema, S. (2002). *Introdução à Psicologia de Hilgard*. (13ª ed.). Porto Alegre, Brasil: Artmed.

Barlow, D. H., & Durand, V. M. (2010). *Psicopatologia: Uma Abordagem Integrada*. Tradução da quarta edição norte-americana. São Paulo: Cengage Learning.

Barbosa, M. T. O., & Nascimento, P. D. (2015). Diagnóstico e Tratamento da Psicose pela Psicoterapia Corporal: O Olhar Pós-Reichiano da Vegetoterapia Caracteroanalítica. *Revista Latino-Americana de Psicologia Corporal*, 3(1), 31-45. Retirado de <https://psicorporal.emnuvens.com.br/rlapc/article/view/28/52>

Baker, E. F. (1980). *O labirinto humano: Causas do bloqueio da energia sexual*. (Trad. Maria Sílvia Mourão Netto). (3ª ed.). São Paulo: Sammus.

Bem me quer, mal me quer. (2002). Direção: Laetitia Colombani. Intérpretes: Audrey Tautou e Samuel Le Bihan. França, 2002. 1h: 32min, color.

Borges, M. (2015). O amor no cérebro. *Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)*, 22(38), 125-135. Retirado de <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/7671/pdf>

Braz, A. L. N. (2005). Origem e significado do amor na mitologia greco-romana. *Estudos de Psicologia*, 22(1), 63-75. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2005000100008>

Calil, L. C., & Terra, J. R. (2005). Síndrome de De Clèrambault: uma revisão bibliográfica. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 27(2), 152-156. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462005000200016>

Dall’Orto, G. (1989). “Socratic love” as a disguise for same–sex love in the Italian Renaissance. *Journal of Homosexuality*, 16(1-2), 33-65. [http://dx.doi.org/10.1300/J082v16n01\\_03](http://dx.doi.org/10.1300/J082v16n01_03)

De Clérambault, G. G. (1999). Os delírios passionais: Erotomania, reivindicação, ciúmes. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 2(1), 146-155. Retirado de [http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/revistas/volume02/n1/os\\_delirios\\_passionais.pdf](http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/revistas/volume02/n1/os_delirios_passionais.pdf).

Dicionário Aurélio de Português Online. (2016). Retirado de: <https://dicionariodoaurelio.com/amor>.

Esperidião–Antonio, V., Majeski–Colombo, M., Toledo–Monteverde, D., Moraes–Martins, G., Fernandes, J. J., Assis, M. B. D., & Siqueira–Batista, R. (2008). Neurobiologia das emoções. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 35(2), 55-65. Retirado de: <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v35n2/a03v35n2>.

Guerra, A. M. (2010). *A psicose*. Rio de Janeiro: Zahar.

Hortelano, X. S. (1997). *Contato, vínculo, separação*. São Paulo: Summus.

Kant, I. (2001). *Crítica da Razão Pura*. (5ª ed.). (Trad. Manuela Pinto e Alexandre Morujão.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Lowen, A. (1979). *O corpo traído*. (Trad. George Schlesinger.). (2ª ed.). São Paulo: Sannus.

Machado, J. P. (2003). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.



Mattos, F. A. S. O. (2014a). *Relacionamentos para leigos*. Rio de Janeiro: Alta Books.

Mattos, F. A. S. O. (2014b). *Como se libertar do ex*. São Paulo: Matrix.

Moreira, A. C. (1949). Estudo clínico da patologia amorosa: a erotomania. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 7(4), 412-415. <https://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1949000400006>

Navarro, F. (1995). *Characterologia Pós-Reichiana*. São Paulo: Sammus.

Neidhoefer, L. (1994). *Trabalho corporal intuitivo: Uma abordagem reichiana*. São Paulo: Sammus.

Nogueira, C. R. A. (2015, Maio). Psicofarmacologia: Como o remédio pode auxiliar na dor psicológica? Até que ponto este se faz necessário?. In V. M. Lima (Presidente), *Psicoterapia, Psicofarmacologia e sofrimento psíquico*. III Semana da Luta Antimanicomial. Fortaleza, Brasil.

Nunes Filho, E. P., Bueno, J. R., & Nardi, A. E. (2000). *Psiquiatria e saúde mental: Conceitos clínicos e terapêuticos fundamentais*. São Paulo: Atheneu.

Platão. *O Banquete*. (427 a.C. – 347 a.C./2003). (Trad. J Cavalcante de Souza). (2ª ed.). Rio de Janeiro: Difel.

Reich, W. (1995). *Análise do caráter*. (Trad. M. Lizette Branco e Marina Manuela Pecegueiro.). (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Reich, W. (1990). *Psicopatologia e sociologia da vida sexual*. (Trad. M. S. P.). (2ª ed.). Porto: Escorpião.

Reik, T. (1968). *Psicologia da vida sexual*. (Trad. M. do Vale.). Rio de Janeiro: Forense.

Rego, R. A. (1993). Anatomia e couraça muscular do caráter. *Revista Reichiana*. 2(1), p. 32-54.

Reynaud, M., Karila, L., Blecha, L., & Benyamina, A. (2010). Is love passion an addictive disorder?. *The American Journal of Drug and Alcohol Abuse*, 36(5), 261-267. <https://doi.org/10.3109/00952990.2010.495183>

Ryner, H. (1934/2012). Amor. *Verve*, 21(1), 30-36. Retirado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/30716/21244>

Volpi, J. H. (2008). *Mecanismos de defesa*. Curitiba: Centro Reichiano. Retirado de <http://www.centroreichiano.com.br/artigos/artigos/mecanismos%20de%20defesa.pdf>.